FELIPE NYLAND

ALMANAQUE

30 SET e 1º OUT 17. Nº 771

Pioneiro

Livros que representam

Mulheres que fazem da vivência e da escrita ferramentas a serviço da igualdade assumem protagonismo na literatura

Ao emocionar e instigar, a literatura desperta para questões de igualdade e tolerância. Autoras que empoderam pela palavra estão entre as atrações da Feira

Dois anos após publicar "Amora", Natalia Polesso ainda recebe conta

Revoluçã pesso

Contar histórias. Seja o relato pessoal ou a criação ficcional, qual poder transformador existe por trás de uma narrativa? Na semana em que Caxias do Sul celebra o início de mais uma Feira do Livro, a presença de uma patrona e de um significativo elenco de autoras dedicadas a escrever sobre igualdade de gênero, raça e respeito às diferenças para jovens e adultos é um convite a refletir sobre o atual papel da mulher no cenário literário e a capacidade de empoderar pelo discurso, pelas personagens ou por vivências eternizadas num volume de páginas.

Por mais paradoxal que pareça, ler é uma forma de estar menos sozinho no mundo. Livros capazes de pôr em contato a voz de suas autoras e o público que neles se reafirmam, como *Amora*, em que Natalia Borges Polesso dá protagonismo a personagens lésbicas; *Histórias de leves enganos e parecenças,* no qual Conceição Evaristo exalta a irresignação das mulheres negras; as abordagens feministas de *Contos de amor rasgados*, da Marina Colasanti, ou *A Ponta do Silêncio*, em que Valesca de Assis narra a história de uma mulher vítima de violência doméstica, são exemplos da boa literatura que desponta como arma nas mãos de minorias que se tornam menos silenciosas quando estão representadas.

– Trato de uma violência silenciosa e escondida *(do marido contra a mulher)*, sem sangue, mas com desprezo, desrespeito, desqualificação. Ao mesmo tempo em que o romance denuncia, também conforta. Penso que em meu livro muitas mulheres puderam ver-se num espelho intangível e descobriram seu poder/dever de reação. Não hoje, não agora, mas num dia que começa a nascer com a leitura – avalia Valesca, que participaria da Feira em Caxias, mas teve de cancelar o compromisso devido a problemas de saúde.

Patrona da Feira do Livro e vencedora dos prêmios Açorianos e Jabuti por *Amora*, Natalia Polesso percebe o despertar de uma consciência para a diversidade cultural no Brasil, fruto de um processo de investimento em políticas públicas em educação mais amplo e inclusivo. Isso facilitou, por exemplo, o protagonismo de uma cena musical alternativa em que reverbera o discurso de igualdade de gênero de artistas como Liniker e Johnny Hooker, ou a descoberta pelo público jovem da octogenária Elza Soares, que canta e vive a luta das mulheres negras.

– Percebo algo semelhante na literatura. Pessoas que antes não tinham nem voz nem vez agora estão falando de lugares de poder, fazendo esses discursos mais plurais – e aqui falo de raça, gênero, classe social – emergirem. Isso é maravilhoso. A gente escuta, lê, vê e consome nuances da cultura que estavam soterradas. Mas isso mexe com um sistema estabelecido e com os brios dos que contavam com a manutenção desse sistema. A luta é geral e contínua, e os reflexos, oxalá, sigam sendo percebidos e assimilados – destaca.

HISTÓRIAS QUE EDUCAM...

No segundo dia da Feira que este ano volta à Praça Dante Alighieri, Natalia participará da mesa "Ó mãe, me diz o que é ser feminina", que debaterá o protagonismo das mulheres na literatura. Além da patrona, estarão as escritoras Rejane Romani Rech, Eleonora Medeiros e Milene Barazzetti. Autora de literatura infanto-juvenil, Milene é professora há 23 anos e contadora de histórias em Novo Hamburgo, no Vale do Sinos. No ambiente escolar, percebe especialmente entre as meninas uma vontade maior de se expressar pelas palavras, muito inspiradas por livros que fizeram sucesso recentemente:

– As jovens não se inspiram apenas em mulheres que escrevem, mas em personagens femininos fortes, criados ou não por mulheres. Estamos numa fase incrível de valorização da mulher escritora e protagonista, e isso é inspirador. Temos o exemplo de Malala, heroína de tantas meninas, que queria apenas ter direito a estudar, e o atual livro da Chimamanda Ngozi Adichie, *Para educar crianças feministas*, que virou consulta obrigatória para tantas. As meninas estão cansadas de serem princesas delicadas, elas querem ser heroínas. Os meninos, por sua vez, querem aprender a criar seus filhos. As pessoas querem liberdade para amar e para viver. A intolerância ainda é grande, mas cabe a escritores e professores ajudar a combatê-la.

Milene acrescenta que após a Lei 11645/08, que tornou obrigatório o ensino da história e de culturas afro e indígenas em sala de aula, a produção literária voltada para questões identitárias se tornou mais intensa. Considera o estímulo ao ensino das diferenças não apenas de raça, mas também de gênero, necessário:

– Muitas vezes, procuramos técnicas e formas de como ensinar as crianças a respeitar o outro. Na verdade, é muito simples: conte uma boa história. Uma história em que o protagonista seja branco, índio, negro, menino ou menina, mas que faça com que as crianças se sintam pertencen-

DC

Valesca de Assis aborda a violência contra a mulher na narrativa "A P

PORTHUS JUNIOR

ato de leitoras identificadas com os contos

ões

pais

POR ANDREI ANDRADE

tes àquele espaço, que se identifiquem e aceitem as suas próprias diferenças. Precisamos contar histórias em que as mulheres sejam protagonistas e lutadoras e que os homens sejam frágeis. Devemos quebrar esse paradigma de que existem coisas para determinado gênero ou raça. As histórias promovem essa igualdade.

A pesquisadora Cecil Zinani, do Grupo de Estudos Culturais de Gênero da UCS, contudo, acredita que a escola não é lugar para proselitismo literário:

– É a literatura de qualidade, e não o panfletarismo, que pode contribuir para a formação de gerações mais tolerantes com as diferenças.

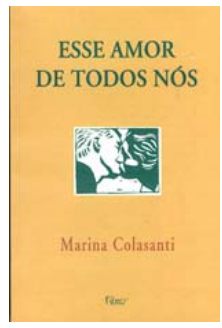
Cecil percebe que as mulheres conquistaram um avanço significativo no universo das letras, principalmente se comparado ao começo dessa trajetória, no século 18, em que autoras usavam pseudônimos masculinos para poder publicar.

A abertura de mercado, diz a pesquisadora, permitiu o resgate de autoras importantes do passado, e mostrou que a autoria feminina tem trabalhado com competência temas que até anos atrás eram considerados masculinos, como a ditadura militar.

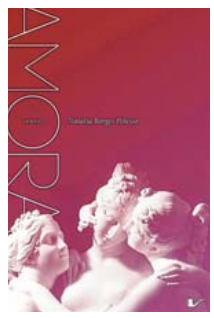
– Um exemplo *(de qualidade)* é o romance de Ana Maria Machado, *Tropical Sol da Liberdade*, que apresenta a ditadura militar dos anos 1960, cuja protagonista vivencia os anos de chumbo, exila-se, e propõe a escrita de uma peça de teatro para manter viva a memória daquela época. Alternando tempos narrativos e situações diversas, é construída uma obra de grande qualidade, desmistificando a ideia de que as mulheres só podem falar sobre o universo feminino.

Fica a dica

Becos da Memória, de Conceição Evaristo, (Pallas, 200 pgs.)



Amora, de Natalia Borges Polesso (2015, Dublinense, 256 pgs.)



...E QUE INSPIRAM

Também professora, Valesca de Assis destaca o caráter redentor da literatura, seja ela produzida ou consumida, mas também alerta para a luta que é estimular a leitura e o despertar para a produção literária em meio à onda conservadora:

– A literatura põe as pessoas em contato com a sua humanidade, e só quem conhece a sua condição pode ajudar a transformá-la. Pela identificação que o texto gera, creio que não há ferramenta melhor que a literatura para promover a igualdade. Isso explica a razão de as classes dominantes, a quem não interessa pessoas críticas e conscientes querendo mudar o que está errado, subestimarem deliberadamente a ficção. Quando um grupo conservador sobe ao poder, é normal que tentem acabar com atividades e instituições culturais, com programas de leitura, museus...

Nos dois anos que se passaram desde a publicação de *Amora*, Natalia conta que o contato com leitoras que se identificaram com os contos e suas personagens sugere um tipo de alento difícil de explicar ou medir.

Compara essa representatividade com a troca que identifica com frequência em saraus de poesia de periferia:

– É incrível como a literatura toca mesmo. Talvez o poder dela esteja aí, neste silêncio que nos permite observar e pensar mais densamente no mundo e nas pessoas, silêncio que nos desloca para olhar o outro. Neste olhar acabamos nos percebendo parte de algo maior e nos conhecendo melhor.

andrei.andrade@pioneiro.com

DIVULGAÇÃO

Em contos, crônicas e poesias, a ítalo-brasileira Marina Colasanti tem o feminismo como um dos temas centrais

DOUGLAS MACHADO, DIVULGAÇÃO

Ponta do Silêncio”

Fica a dica

A Ponta do Silêncio, de Valesca de Assis (2016, Besouro Box, 88 pgs.)

As escrevivências de Conceição

JOYCE FONSECA, DIVULGAÇÃO

Conceição Evaristo defende que a educação brasileira deve contemplar a diversidade da nossa literatura

Uma das atrações da Feira do Livro este ano, a mineira Conceição Evaristo é uma das principais vozes da cultura negra no Brasil atualmente.

Autora de livros de poesia, contos e dois romances, Conceição usa a escrita como uma forma de militar contra a desigualdade racial que persiste no Brasil e que ela sente na pele ao longo dos seus 70 anos de vida.

A essa literatura marcada por uma forte influência de sua trajetória desde a favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte, a escritora dá o nome de escrevivências. Confira abaixo a entrevista que a autora de *Olhos D'Água*, *Becos da Memória Ponciá Vivêncio*, entre outros, concedeu ao Almanaque:

Almanaque: Hoje é mais fácil para uma mulher negra publicar e conseguir visibilidade no mercado do que era quando a senhora começou? Por quê?

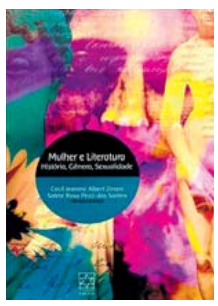
Conceição Evaristo: Eu diria que está mais fácil, mas ainda temos todas as dificuldades possíveis. Uma pessoa que comece hoje vai ter um pouco mais de facilidade, inclusive porque temos mais editoras voltadas para a publicação da autoria negra, como a Ogum's, de Salvador, a Malê, do Rio de Janeiro, a Mazza e a Nandyala, de Belo Horizonte. Sem sombra de dúvidas, está mais fácil em relação a quando eu comecei, mas não significa que o caminho esteja fácil. Nestes anos todos que eu escrevo, apenas em 2013 saí por uma editora de médio porte. Até então, tinha sido publicada por editoras menores.

A senhora cunhou o termo "escrevivências". Que poder é esse que a literatura tem de gerar a transformação tanto para quem escreve e se expressa quanto para quem lê e se identifica?

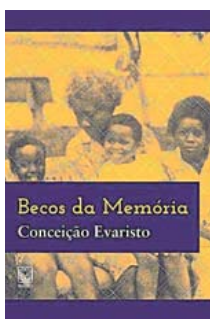
A literatura tem um poder de convocação, porque ela fala aos sentimentos. Se você ler um texto histórico sobre a guerra do Paraguai e um romance sobre o mesmo assunto, as associações são diferentes. A literatura tem esse poder justamente porque toca no sentimento das pessoas, e nisso convoca mulheres, crianças, homens negros e brancos. O termo escrevivência está muito ligado ao fato de que, quando componho um texto, desde a minha escolha de vocabulário, é um texto que nasce marcado e atravessado pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. Mesmo que eu não esteja relatando uma memória nua e crua, é um texto atravessado pelo meu pertencimento étnico e social, pelo meu pertencimento ao povo africano que veio para ser escravizado no Brasil. Escrevivência é escrever a vida, e a minha traz todas essas partes.

Fica a dica

Mulher e Literatura, de Cecil Zinani e Salete Pezzi (EDUCS, 2010, 264 pgs.)



Esse Amor de Todos Nós, de Marina Colasanti (Rocco, 2000, 232 pgs.)



O Brasil precisa se reeducar para a igualdade de gênero, de raça, de tolerância. Que papel a literatura pode ter e qual a melhor maneira de fazer autores "militantes" chegar ao público mais jovem?

Eu acredito muito na educação. Acredito que a educação é uma das maneiras de tecer uma mudança de consciência. Se essa literatura chegar ao grande público, chegar à escola, às bibliotecas, aos projetos de literatura desenvolvido pelos professores, sugerido pelas secretarias de educação, acredito que esse é um caminho para atingir esse público que está em fase de formação. Tem que haver uma política de publicação e de distribuição desta autoria ou destes textos que irão mudar o olhar preconceituoso, seja ele homofóbico, machista, contra as comunidades indígenas. A literatura tem, sem sombra de dúvidas, um papel importante na formação da consciência crítica, de representar um contra-discurso. Mas ela precisa desta política de fomento para publicação e distribuição. No caso da literatura brasileira, a diversidade dela precisa ser conhecida, ou vamos continuar lendo sempre as mesmas grandes obras literárias escritas por homens brancos, e a própria nacionalidade brasileira vai ser pensada apenas por um prisma, que é o do heterossexual branco.

Por que existem tantos atores e atrizes e tantos músicos negros e tão poucos escritores?

A música brasileira é uma das marcas da nossa constituição, mas mesmo na música você vai perceber uma certa distinção no que os estudiosos definem por Música Popular Brasileira e por Samba, sendo que o samba é música popular brasileira. Você também vai ver poucos bailarinos negros, poucos maestros negros. Na literatura, o grande entrave é o fato dela tratar com um dos maiores bens simbólicos da nação, que é a língua. A língua é resguardada pelos grandes literários, a partir do que seria a norma culta da língua. A partir disso a gente pode pensar em vários preconceitos, inclusive o linguístico, de que Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma das maiores vítimas. Existe uma dificuldade muito grande ainda de considerar o texto dela como literário. E existem vários estereótipos, como o que corria na época da colonização do Brasil, de que o negro não aprendia a linguagem do branco. Quando os colonizadores chegam com as expedições invasoras na África ou mesmo na América, era considerado que o povo nativo não tinha língua. Ou seja, não se dava nenhum reconhecimento à linguagem dos povos, a não ser às línguas europeias. Acho que ainda existe um certo ranço disso, da literatura ser alguma coisa encastelada, de só fazer literatura quem é de determinada categoria social. O próprio objeto livro, nem todos os brasileiros, principalmente das camadas populares, se apossam tanto do ato de ler quanto do ato de escrever. É algo que é da formação da sociedade brasileira, da literatura ser considerada uma área nobre.

Programação intensa

Confira abaixo o que rola no primeiro fim de semana da Feira do Livro de Caxias do Sul

SÁBADO

8h30min - Oficina: "Literatura como Direito Humano" com Cida Fernandez - Bibliotecas Comunitárias, na Galeria de Arte Gerd Bornheim.

9h30min - Palestra "Moda e design: Macrotendências 2018/2019" com Lili Tedde - Representante do Stúdio Edelkoort/Trend Union Brasil. Editora chefe do Livro Bloom Fé. Realização: Projeto Fashion Frames. Apoiadores: Dellano, Sindivest, Fitemasul. No Teatro Municipal Pedro Parenti.

10h - Contação de histórias com Liliane Curzel e Aline Cardoso da Silva (intérprete e tradutora em libras), no Palco Infantil.

14h - Oficina: "Literatura como Direito Humano", com Cida Fernandez - Bibliotecas Comunitárias, na Galeria Arte Gerd Bornheim.

14h - Contação de histórias com Claudete Dallegrave, no Palco Central.

14h às 15h30min - Contação de histórias e sessão de autógrafos da obra "Uma colcha para cobrir o mundo", com a escritora Eleonora Medeiros - Editora: ViaPampa, no Palco Infantil.

14h - Sessão de Autógrafos da obra "Prazer, eu sou teu ex!", de Felipe Vieira - Editora Vírtua, no Espaço de Autógrafos 1.

14h - Sessão de Autógrafos da obra "Correr com rinocerontes", de Cristiano Baldi - Não Editora, no Espaço de Autógrafos 2.

15h - Sessão de Autógrafos da obra "Inquietudes", de Leandro Angonese - Editora Vírtua, no Espaço de Autógrafo 1.

15h - Sessão de Autógrafos da obra "Joel Guerreiro", de Evandro Joel Pessoa e Jack Leônidas - Editora: do autor, no Espaço de Autógrafos 2.

15h - Sessão de Autógrafos da obra "Cartas de Isabella", de Isabella Ibargouen - Editora Inverso, no Palco Infantil.

15h30min - Contação de histórias com Claudete Dallegrave, no Palco Infantil.

15h30min - Renan Inquérito e Chiquinho DiVilas apresentam De Mano para Mano[EI], no Palco Central.

DANIELA XU, BD

16h - Sessão de Autógrafos da obra "Alma Gaudéria", de Sérgio Piola - Editora Vírtua, no Espaço de Autógrafos 1.

16h - Sessão de Autógrafos da obra "A Apelação de Sócrates", de Décio Osmar Bombassaro - Editora AMZ, no Espaço de Autógrafos 2.

16h - Apresentação da Banda Marcial Cristóvão de Mendoza, no Lounge da Rua Coberta.

17h - Sessão de Autógrafos da obra "Abelhas", de André Fortunato - Editora Vírtua, no Espaço de Autógrafos 1.

17h - Sessão de Autógrafos da obra "A agonia dançando", de Alexandre Cortez Fernandes - Editora AMZ, no Espaço de Autógrafos 2.

17h - Sessão de Autógrafos da obra "A coruja de pernas tortas", de Delcio Antônio Agliardi - Editora Hórus, no Palco Infantil.

TATIELI SPERRY, DIVULGAÇÃO

18h - Sessão de Autógrafos da obra "Relatos de um tempo memorável", de Vitalina Maria Frosi - Editora AMZ, no Espaço de Autógrafos 1.

18h - Sessão de Autógrafos da obra "Psicopedagogia para adultos: reencantando o desejo de aprender-viver", de Luciana Ferreira da Silva - Editora: Instituto Avuí, no Espaço de Autógrafos 2.

18h - Música na Feira: Janaina Formolo canta Vinícius Todeschini Local: Palco Central.

19h - Apresentação do Coro Municipal, no Palco Central.

19h - Obra "Medicina Interior - A medicina do coração e da mente", de Dr. Enio Burgos – Editora: Bodigaya, no Espaço de Sessão de Autógrafos 1.

19h - Obra "Abundância: A Arte de Fluir na Positividade do Ser", de Anmol Arora - Editora: Kokhmahá Publicações, no Espaço de Sessão de Autógrafos 2

Sábado - Encontro do Escritor Gaúcho parceria AGES

10h - Biblioteca Pública Municipal (2º andar) Conferência de Abertura "Novas visões sobre o ensino e a história da literatura".
Palestrante: Luís Augusto Fischer.
Mediação: Christian David - Presidente AGES.

14h - Mesa 1- "Políticas públicas em momentos de crise".
Palestrantes: Adriana Antunes** e Elaine Maritza.
Mediador: Antônio Schimieneck.

16h - Mesa 2 - "Ó mãe, me diz o que é ser feminina": protagonismo das mulheres na literatura.
Palestrantes: Natalia Borges Polesso*, Rejane Romani Rech e Eleonora Medeiros.
Mediadora: Milene Brazzetti.

19h - Sarau dos Escritores.

DIA 1º DE OUTUBRO - DOMINGO

14h - Sessão de Autógrafos da obra "Reza Forte" de Norberto Peixoto - Editora: BesouroBox, no Espaço de Autógrafos 1.

14h - Contação de histórias com Claudete Dallegrave, no Palco Infantil.

14h - Obra "Uma aventura além da esquina" de Wilson do Amaral - Editora: Evangraf, no Espaço de Sessão de Autógrafos 2.

15h às 17h - Palestra/Oficina "A estética da linguagem na literatura contemporânea" com o escritor Airton Ortiz. Mediação: Vera Mari Damian, na Galeria de Arte Gerd Bornheim.

15h - Bate-papo com o escritor Christian David - "O caminho do escritor profissional", no Café da Feira.

15h - Sessão de Autógrafos da obra "O canto das Fadas", de Fernanda Bressan Capelini - Editora: Quatrilho Editorial, no Espaço de Autógrafos 1.

15h - Contação de histórias com Claudete Dallegrave Local: Palco Infantil.

15h - Sessão de Autógrafos da obra "Portas do Céu", de Maria Inês Dallegrave Cavalli - Editora: Quatrilho, no Espaço de Autógrafos 2.

16h - Obra "Lucas, o garoto gamer", de Ana Rapha Nunes - Editora: Inverso, no Espaço de Sessão de Autógrafos 2.

16h - Sessão de Autógrafos e apresentação da obra "Poema ~ Casa" vencedora do Prêmio Vivita Cartier de Bernardethe Pierina Ghidini Zardo - Editora: Quatrilho, no 2º andar da Biblioteca Municipal.

16h - Sessão de Autógrafos da obra "Parei de sentir medo", de Frei Jaime Bettega - Editora: Paulinas, no Espaço de Autógrafos 2.

16h - Contação de histórias e Sessão de Autógrafos da obra "No Mar de Aurora", de Milene Barazzetti - Editora: Noz Produções Literárias, no Palco Infantil.

16h - Slam de Ilustração - Condução Volnei Canônica - Centro de Leitura Quindim. Convidados: Roger Mello, Graça Lima, Mariana Massarani, Ivan Zigg, Douglas Trancoso, Giovana Mazzochi, Karen Basso e Rafael Dambroz. Sessão coletiva de autógrafos. No Palco Central.

17h - Sessão de Autógrafos da obra "Cápsula do Tempo" de Mauro José Bettiol - Editora: São Miguel, no Espaço de Autógrafos 1.

17h - Sessão de Autógrafos da obra "Os Guardiões de Termíllia - À sombra do mestre", de Guilherme Bianchin de Camargo - Editora: Voxmidia, no Espaço de Autógrafos 2.

18h - Sessão de Autógrafos da obra "Amor Fati", de Júlio César Kunz - Editora: Quatrilho, no Espaço de Autógrafos 1.

17h - "Convite para um homicídio: os 127 anos de vida e obra de Agatha Christie", com Maria Nair Sodré Monteiro da Cruz, Marcelo Bohm e Pedro Guerra, no Café da Feira.

18h - Mesa com os vencedores do Prêmio Jabuti: Roger Mello, Graça Lima, Mariana Massarani, Natalia Polesso e convidados. Mediação: Volnei Canônica - Centro de Leitura Quindim, na Galeria Gerd Bornheim.

18h - Música na Feira: André Viegas, no Palco Central.

19h - Apresentação do Grupo La Serrana Flamenco del Sur, no Palco Central.